

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
O QUE QUERO VER  
2 de dezembro de 2021

# NOVYI VAVILON / 1929

(*"A Nova Babilónia"*)

Um filme de Gregori Kozintzev e Leonide Trauberg

**Realização:** Gregori Kozintzev e Leonide Trauberg / **Argumento:** Gregori Kozintzev e Leonide Trauberg, inspirado nos romances "Au Bonheur des Dames", "La Debacle" e "Nana" de Émile Zola, e o texto "A Comuna de Paris" de Karl Marx / **Fotografia:** A.N. Mockvin, Evgenii Mikhailkov / **Cenários:** Evgenii Enei / **Música:** Dimitri Chostakovitch / **Intérpretes:** Elena Kuzmina (Louise Poirier, a vendedora), Piotr Sobolevski (Jean, o soldado), D. Gutman (o patrão), Sergei Guerassimov (Lutro, o jornalista), Sophie Magarill (a atriz), S. Gussev (Poirier, o velho), Janina Jeimo (Thérèse, a modista), A. Gluckova (a lavadeira), E. Cerviakov (oficial da Guarda Nacional), A. Zarjiskaya (a rapariga na barricada), Vsevolod Poudovkine (intendente), A. Arnold (o deputado).

**Produção:** Sovkino, Leninegrado / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, mudo, com intertítulos em russo traduzidos em português, 102 minutos (a 18 imagens por segundo) / **Estreia Mundial:** 11 de Março de 1929/ Inédito comercialmente em Portugal. Exibido na Fundação Calouste Gulbenkian em 14 de Julho de 1987 no ciclo de "Cinema Soviético".

## Com acompanhamento ao piano por Daniel Schvetz

---

Apesar de ter sido um dos acontecimentos políticos e sociais mais importantes do século XIX, a filmografia sobre a "Comuna de Paris" é singularmente reduzida. Quando o cinema aborda aquele período da História torna-se singularmente "esquecido", ficando-se pela guerra franco-prussiana, uma das causas que lhe deram origem. Evidentemente que tal "esquecimento" não é fruto do acaso, pois o mesmo acontece com todos os movimentos revolucionários que põem em causa o poder estabelecido com base nas acções desenvolvidas pelas classes exploradas: as "jacqueries", mesmo a Revolução Francesa (nos seus aspectos mais radicais, de Robespierre a Babeuf), sendo as revoluções do meio do século XIX abordadas apenas na sua vertente nacionalista, e a Revolução de Outubro de 1917. Mas a Comuna de Paris de 1871 ganha a todos em matéria de "esquecimento", a que não será alheio o facto de ter sido o maior "susto" que a burguesia apanhou porque a encontrou na sua fase de sucesso e desenvolvimento, de organização do capitalismo selvagem que a fortalecera. Foi a URSS (*et pour cause*) que lhe deu mais atenção, mas apenas na fase da consolidação do seu poder (quatro filmes nos anos 20 e 30, entre eles o que vamos ver). O resto fica-se por curtas-metragens francesas e de estilo "documental" e "didáctico" e referências em ficções sobre acontecimentos ou personagens que, de algum modo, se encontrem nas "proximidades" (a queda de Napoleão III, por exemplo). A grande excepção foi o admirável telefilme que Peter Watkins dirigiu em 2001, **La Commune (Paris 1871)** já exibido entre nós. Este e **Novyi Vavilon** são, sem dúvida, as melhores aproximações cinematográficas àquela que é considerada como a primeira Revolução proletária da história, fenómeno espontâneo e efémero, surgido de forma extemporânea, por isso "condenado" à derrota.

**Novyi Vavilon** é um dos mais importantes filmes soviéticos dos anos 20. Por um lado é o expoente maior da FEKS ("Fábrica do Actor Excêntrico") criada por Kozintzev, Trauberg, Serge

Youktevitch e Gueorguy Krijitski em 1921, movimento de vanguarda que utilizava as mais variadas manifestações artísticas (circo, pantomina, teatro, etc), englobando-as no movimento expressionista, utilizando a paródia, com referências à pintura e à literatura. **Novyi Vavilon** toma como base temas de alguns romances naturalistas de Émile Zola, as reflexões de Marx sobre a Comuna, expostas em "A Guerra Civil em França" e visualmente a pintura de Manet, Renoir, Daumier e Degas, tudo sintetizado num movimento rítmico influenciado, por sua vez, pela música (a versão foi, no seu tempo, musicada por Chostakovitch), pela poesia de Maiakovski, e, particularmente pela montagem "de atracções" desenvolvida por Eisenstein. A montagem constrói metáforas e alegorias de fácil percepção, mesmo que a sua rapidez tenha confundido os espectadores da época que não responderam como os autores esperavam. O filme seria acusado de "esteticismo" (acusação perigosa, numa altura em que o poder soviético se consolidava com a promulgação do primeiro plano quinquenal, a doutrina do "socialismo num só país e o domínio de Staline) e um fracasso na bilheteira. Aliás, sinal dos tempos, a FEKS deixava de existir formalmente ainda antes da estreia do filme, sendo este a sua última manifestação artística. O que seria o seu "manifesto", tornou-se o "canto de cisne".

As ideias da FEKS manifestam-se aqui de forma admirável. Cada plano é, formalmente, de uma força e beleza assombrosas, e de um conteúdo brutal na forma como sintetiza ideias e conceitos da luta de classes. Os personagens não têm praticamente nomes, sendo, cada um deles, um "símbolo" das forças em presença. O soldado da Guarda Nacional, Jean, é um dos mais sugestivos, na forma como encarna uma contradição que está na base do fracasso da revolução: é o camponês feito soldado, que apenas se interessa em regressar ao campo, sem consciência de classe, joguete fácil do poder. Mesmo atraído por Louise, ele seguirá as tropas de Versalhes e participará no massacre dos "communards". Nem o desprezo a que é votado, quando a tomada de Paris se consuma e os massacres começam, conseguirá dele uma "resposta" activa: fica na expectativa do "perdão" que o oficial pode dar a Louise e que esta recusa. Falando da Comuna é, no fim de contas, da situação da URSS que os autores falam, neste caso, concretamente, a reacção dos Kulaks (camponeses ricos) ao poder soviético, que Eisenstein, no mesmo ano, denunciava em **Generalya Linya/A Linha Geral**. Por outro lado, o final é uma clara metáfora ao triunfo da Revolução de Outubro e ao sonho de uma sociedade socialista: "Voltaremos a ver-nos, Jean!" grita Louise para o soldado, que os "communards" face ao pelotão de execução ecoam com o seu grito "Voltaremos ao nosso Paris", "Nós, os "communards", voltaremos!". Como em **Oktiabr/Outubro** de Eisenstein, as imagens adquirem um tom simbólico: a queda da coluna da praça da Bastilha ecoa o derrube da estátua de Pedro o Grande; a montagem que opõe a Guarda Nacional tentando levar os canhões e as mulheres que se juntam (plano do rosto do oficial/plano de uma mulher/plano do oficial/plano de várias mulheres/plano do oficial dizendo "mais depressa"/plano da multidão de mulheres) tem a mesma energia e força simbólica do leão de pedra que "desperta" em **Bronenosets Potiomkine**. Outro tipo de montagem, em oposição, representa as duas classes que sustentam cada uma das facções: a burguesia que se prepara para assistir, de longe, ao massacre, os povos que nas barricadas espera o ataque. Antes, outra imagem simbólica e poderosa testemunhara da queda do regime, com a derrota do exército francês em Sedan: o plano inclinado que nos mostra a locomotiva que no primeiro plano do filme surgia poderosa e orgulhosa, num plano inclinado que leva ao seu afundamento. Em todos os sentidos, **Novyi Vavilon** é o exemplo possível de um cinema verdadeiramente revolucionário ao nível da forma e das ideias, o contraponto estético de **Operai, Contadini** de Straub-Huillet.

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico